

EVASÃO ESCOLAR E DIVERSIDADE DE GÊNERO: UM ESTUDO DE SUAS RELAÇÕES NO ÂMBITO ESCOLAR

Fabricio Matias Pires

Especialista; Instituto Federal de São Paulo - IFSP, Capivari, SP, Brasil.
fabricio.matias@aluno.ifsp.edu.br

Ana Carla Dantas Midões

Doutora; Instituto Federal de São Paulo - IFSP, Capivari, SP, Brasil.
anacarladantas@ifsp.edu.br

Resumo

O tema proposto foi escolhido considerando a importância de estudar e entender as possíveis relações entre a Evasão Escolar e a Diversidade de Gênero, analisando a utilização da tecnologia como uma ferramenta para a diminuição da evasão escolar e como um meio de contribuir com a aprendizagem dos estudantes. Objetivou-se neste trabalho desenvolver e analisar as possíveis relações entre a Evasão Escolar e o Gênero e a Sexualidade, abordando essas ideias por meio de um referencial teórico e coletando as concepções dos professores acerca desses conceitos por meio de um questionário. Todos os dados foram obtidos por meio de respostas dos professores ao questionário construído neste trabalho. Para a compreensão deste tema foi necessário um estudo sobre Gênero e Sexualidade e Evasão Escolar, observando os dados acerca desses temas, de modo a propor reflexões sobre eles. Os resultados e os estudos realizados ocasionaram na produção deste artigo.

Palavras-chave: Evasão Escolar; Gênero e Sexualidade; Tecnologia da Informação; Educação.

SCHOOL DROPOUT AND GENDER DIVERSITY: A STUDY OF THEIR RELATIONS IN SCHOOL

Abstract

The proposed theme was chosen considering the importance of studying and understanding the possible relationships between School Dropout and Gender Diversity, analyzing the use of technology as a tool to reduce school dropout and as a means of contributing to student learning. The objective of this work was to develop and analyze the possible relationships between School Dropout and Gender and Sexuality, approaching these ideas through a theoretical framework and collecting teacher's conceptions about these concepts through a

questionnaire. All data were obtained through teacher's responses to this questionnaire constructed in this work. In order to understand this theme, a study on Gender and Sexuality and School Dropout was necessary, observing the data about these themes, in order to propose reflections on them. The results and studies carried out led to the production of this article.

Keywords: School Dropout; Gender and Sexuality; Information Technology; Education.

1. INTRODUÇÃO

Na escola atual, pensar a educação apenas como uma disseminadora de conteúdo impede o seu amplo papel social: compreender que dentro da escola há uma diversidade de ideias e pensamentos. O professor, com o papel de educador, deve utilizar-se desta pluralidade nas unidades escolares para desenvolver a aprendizagem e auxiliar no desenvolvimento social dos estudantes. Na busca por entender esta pluralidade de ideias e pensamentos nas escolas, pode-se perceber o quão importante estes aspectos se tornam na aprendizagem dos estudantes. A criança, quando inserida no ambiente escolar, se depara com o "diferente" e se relaciona com ele. Neste processo, seus pensamentos se transformam e, conforme a realidade na qual está inserida, ela desenvolve suas ideias. Infelizmente, neste contexto de diversidade, se origina a discriminação e o preconceito. Estas ideias contradizem a da igualdade entre as pessoas e o respeito à diversidade. Ciliato (2015) expõe que cabe às escolas atualmente o importante papel de colaborar para que questões relacionadas a ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural não passem despercebidas, mas que sejam consideradas no ambiente escolar. Assim, torna-se importante e essencial reforçar a proposta que deve ser implantada e praticada nos ambientes escolares. O caminho para a formação pessoal de cada estudante deve seguir questões como pluralidade e diversidade de gênero, de modo que, no decorrer de sua caminhada estudantil, o aluno possa ter a compreensão e o conhecimento necessário para discernir e opinar sobre estes temas.

Refletindo acerca da diversidade de gênero a da compreensão destas questões, a escola deve propor e refletir sobre as concepções presentes nos estudantes, de modo a ampliar as suas ideias. Por vezes, o pensamento de cada criança é formado a partir da concepção das pessoas que o cercam. Família e religião conduzem estas ideias e a criança modela-se conforme as segue. A escola deve ser o ambiente que preze pelo respeito às ideias e às diferenças, não disseminando deste modo estereótipos e preconceitos. Por vezes, estes pensamentos, quando não trabalhados pelos professores, afastam os estudantes de uma rotina

escolar, ocasionando em sua desistência.

A proposta dos Temas Transversais, quando adequadamente entendida, interpretada e aplicada, é relevante pelo fato de potencializar a reflexão e a crítica sobre os problemas que emergem das contradições derivadas das múltiplas matrizes culturais. O problema é que a grande maioria dos professores e da própria comunidade escolar demonstra não estar preparada e, tampouco, comprometida em trabalhar com os assuntos relativos ao multiculturalismo. Isso é recorrente pelo fato de que boa parte dos docentes não assume a responsabilidade de trabalhar os Temas Transversais, conforme o que se estipula nos PCNs. (CILIATO, 2015, p.66).

Deste modo, na procura de entender as relações presentes entre a Diversidade de Gênero e a Evasão escolar, pode-se refletir que, para compreender melhor estes temas, os professores devem ampliar seus conhecimentos, aprofundando seus estudos e desmistificando a ideia da escola ser apenas um espaço de transmissão de conhecimento, e ampliando suas responsabilidades na formação do aluno. As tecnologias devem servir como um instrumento importante e facilitador para estes estudos e para o desenvolvimento do trabalho nas unidades escolares. Estas ferramentas podem auxiliar na modernização dos ambientes escolares, auxiliando, assim, que o estudante seja estimulado a estudar e se desenvolver.

Fatores externos e internos devem ser analisados e estudados para observar os motivos que levam o estudante a desistir de estudar, sendo neste artigo abordadas algumas possíveis causas da evasão escolar relacionando-as às questões de gênero e sexualidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Diversidade e cultura

Compreender o desenvolvimento de uma sociedade exige do pesquisador analisar todos os fatores que desencadearam esse processo. As relações humanas, as relações sociais permitiram que a sociedade, com o decorrer dos anos, se desenvolvesse culturalmente, desabrochando suas características e fortalecendo seus ideais. A visão de mundo como se nota hoje foi se adaptando à realidade. Cada indivíduo foi construindo sua identidade a partir dessas relações e dos encontros entre duas sociedades.

Todavia, as relações humanas, além de construir e desenvolverem as sociedades como as conhecemos atualmente, refletiram em diversos conflitos sociais, originados a partir das diferenças sociais. Os povos antigos viviam e agiam de formas diferentes das atuais. Uma grande série de fatores e condições sociais influenciava na decisão de como agir em determinadas situações.

A discriminação surgiu a partir desses conflitos e da dificuldade da sociedade compreender o diferente. Julgar o outro como “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal”

tornou-se comum entre as pessoas. Socialmente, desenvolveu-se, desta forma, os conceitos de estereótipo. Na concepção de Krüger (2007):

Pode-se definir estereótipo social como crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um grupo humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios, como por exemplo, idade, sexo, inteligência, moralidade, profissão, estado civil, escolaridade, formação política e filiação religiosa. (KRÜGER, 2007, p.07).

Deste modo, o estereótipo pode ser entendido como a partilha de atribuições negativas ou positivas de algumas características de um determinado grupo. O modo de entender as tradições e a forma de lidar com a mulher, com os indígenas, com negros, com homossexuais, foi sendo compartilhada entre as gerações, sendo-lhe assim atribuídas concepções negativas e positivas. A partir destas ideias de “certo” ou “errado”, desenvolveu-se e se propagou a ideia do etnocentrismo, que segundo Paula Carvalho (1997) “consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas ‘diferentes’”. Assim, indica o processo de construção de identidade de uma nação, por vezes ocasionando a discriminação descrita acima devido a diferenças sociais e culturais.

O jeito de ver o mundo, considerando o centro geográfico e moral, marcou o conceito de Etnocentrismo. Os povos começaram a ser avaliados e analisados conforme as medidas determinadas. Este modo de pensar e agir gerou o que se conhece atualmente como racismo. É necessário entender de forma sociológica como se desenvolve este pensamento, no campo das ideias. O ato de discriminar alguém, oriundo a partir do desenvolvimento social, ocasiona em negar oportunidades, negar acesso e principalmente negar a humanidade, pois considera a pessoa sem direitos a ter o mínimo necessário para ser parte da sociedade, fazendo usufruto desses direitos e dos deveres sociais.

O fenômeno do racismo e do preconceito está enraizado com base em ideologias que se desenvolveram a partir das concepções de sociedade. Estas ideias possuem suas origens nos primórdios da humanidade, como descreve Araujo (2015) concebendo a ideia do racismo como uma forma de diferenciar a humanidade surgindo “na Cultura Ocidental, ligado a certas concepções sobre a Natureza Humana que justificaram a discriminação dos seres humanos, tendo em vista a sua exploração.” Determinados grupos foram se considerando superiores a outros grupos, influenciando os pensamentos e os modos de agir, inferiorizando um determinado grupo devido a suas origens ou marcas. O preconceito contra as mulheres e os homossexuais atrelou-se a esta ideia de superioridade, tornando-os por vezes vítimas devido a este pensamento, sendo-lhes restringidos direitos. Exemplo deste pensamento foi a negação

do direito ao voto para as mulheres. No início do século XX, a mulher não possuía este direito devido ao pensamento de ter um cérebro inferior ao cérebro do homem. Homossexuais eram considerados como “anomalias” e “frutos do pecado” de seus antepassados.

No Brasil é preciso entender e analisar toda a diversidade cultural presente. A população brasileira é formada por uma enorme diversidade de etnias, raças e crenças. Conforme apresenta Rodrigues (2017):

Observamos que desde os tempos mais remotos, as sociedades indígenas no Brasil apresentam modos de vida diferenciados, demonstrando uma variedade cultural, religiosa, social e linguística. Nesta perspectiva, desde 12000 anos atrás, quando o território natural do Brasil era bem diferente do que é hoje - o clima era bastante frio e seco, a vegetação era menos densa e a fauna também era muito diferente - as populações que aqui viviam eram de caçadores e coletores, pois se alimentavam da coleta de frutos e tubérculos e da caça de animais de pequeno porte (RODRIGUES, 2017, p.1)

Deste modo, no estudo das concepções de preconceito e racismo, deve-se entender a heterogeneidade cultural presente. A diversidade cultural, quando não é aceita por um determinado grupo, ocasiona conflitos sociais. Os grupos que não entendem e não aceitam esta diversidade procuram destinar para si os “privilégios” destinados a outros povos. Muitos destes conflitos sociais elevaram a propagação da ideia do racismo e do preconceito contra etnias, raças e credos no Brasil. Campos (2017) denota que o sufixo “ismo” utilizado para indicar doutrinas e crenças, surgiu para denotar ideologia a partir da década de 1920. Estas doutrinas e ideologias procuravam justificar estes pensamentos apelando para as características secundárias do grupo-alvo. Por exemplo, os negros eram considerados inferiores por serem pobres. Os indígenas eram vistos como intelectualmente inferiores ao “homem branco”. As origens distintas disseminaram esse preconceito e todas as atitudes racistas presentes.

A cultura é um fator e um aspecto que deve ser analisado no desenvolvimento social. Este aspecto, pensado como algo imutável, que tenderia a se reproduzir sem perder suas características, influenciou e influencia no desenvolvimento dos povos, sendo compartilhado pelos indivíduos de determinado grupo. Todo progresso cultural ocorreu indo além de um sistema de costumes, não se referindo a um ato individual. Todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado. Godoy (2014, p.20) apresenta que “a cultura é adquirida e por isso não depende da hereditariedade biológica”. Assim, este aspecto desenvolve-se a partir das relações humanas, em uma dimensão coletiva, objeto da intervenção humana, sendo a função da cultura atender as necessidades do indivíduo em um processo de construção de identidade. A dinâmica cultural de uma determinada comunidade vai se alterando e adaptando no decorrer dos anos, mudando de lugar para lugar. Segundo

Godoy (2014, p.23), "não se pode entender a cultura sem que se saiba algo sobre o homem como animal. Compreender a origem e as funções da cultura exige compreender o homem, portanto há uma relação íntima e necessária entre o homem, como um tipo de animal e a cultura."

A liberdade cultural se desenvolve por meio das relações sociais e de suas ações, assumindo um papel de destaque no processo de emoldurar a sociedade, expandindo-se atualmente devido aos meios de informação. A velocidade com a qual as informações circulam na sociedade permite que a cultura se desenvolva de forma mais veloz, construindo a identidade de uma sociedade. As práticas sociais e a visão de mundo auxiliam nesse desenvolvimento cultural de um grupo. Todavia, devido à expansão da diversidade cultural, sustentou-se e expandiu-se a exclusão de grupos sociais, descrito acima como racismo. A identidade de um povo caracteriza-se por meio de símbolos que identificam um grupo, de forma simbólica, social e material.

Na fabricação destas simbologias, a exclusão se desenvolveu devido à não compreensão do diferente, no processo de compreender o outro. As simbologias, de forma ampla, desenvolvem-se a partir da liberdade cultural que cada povo possui. Todavia, neste processo de estudar a liberdade de produzir cultura e desenvolvê-la, deve-se analisar em quais aspectos a sociedade está sendo afetada. Permitir a um determinado povo expressar seu modo de pensar e agir, e modelar a cultura conforme a sua realidade, devem ser a base de uma nação. Entretanto, neste processo, deve-se entender quando uma prática cultural é aceitável e não ocasiona em sofrimento humano. Barreto (2006) destaca que "a liberdade cultural é um direito humano e, como tal, deve ser fomentada, sendo protegida de repressores que desejam engessar o indivíduo dentro de sua própria cultura".

Procurando entender as relações humanas e culturais, deve-se refletir sobre as denominações culturais em relação à diversidade de gênero e sexualidade, compreendendo suas semelhanças e diferenças. No aspecto da sexualidade, a homossexualidade era tratada como uma doença, sendo necessário um tratamento psiquiátrico para ajudar a "curar" essas pessoas. Não se encaixavam culturalmente e socialmente, sendo condenados pelas religiões, sendo definidos como "anomalias da natureza". Os estereótipos culturais definiram que essas pessoas eram inferiores e deveriam ser tratadas desta forma, sendo-lhes restringida a cidadania e os direitos. O sujeito era classificado conforme suas práticas e preferências sexuais. Se tivesse tendências homossexuais, era descartado pela sociedade, pois suas tendências eram contrárias ao pensamento vigente na sociedade como correto. Assim, no

processo de construção social, a pessoa passava a ser tachada e analisada conforme a sua sexualidade, sendo considerados comportamentos inequívocos. Assim,

Seja qual for o ponto de vista, percebemos que a maneira de ver o mundo está associada a uma ordem moral e valorativa, identificando e conformando diferentes comportamentos sociais, com propriedades invulgares: de marcar corpos, criar posturas e determinar atuações. Sendo isso resultado da operação de uma determinada cultura sobre o indivíduo, ou seja, somos produto de uma herança cultural, que nos forma e é formada por nós, o que nos dá uma visão de mundo toda própria (COSTA, 2007, p.7).

Deste modo, a cultura modelou o que considerava certo ou errado em relação à sexualidade, identificando comportamentos e os julgando como apropriados e inapropriados. Assim, este fator apresenta uma visão de mundo ao indivíduo, e este faz apropriação dela, disseminando este modo de pensar e agir culturalmente. Neste processo de se apropriar da cultura, a pessoa passa a determinar o que considera correto ou errado, de forma etnocêntrica, afetando desta forma a sociedade na qual está inserido. Assim, a sexualidade e a cultura se relacionam de forma intrínseca, sendo as pré-concepções sobre certo e errado apropriações culturais.

Na sociedade brasileira, nota-se que o desenvolvimento dos aspectos referentes aos direitos à liberdade cultural se tornou mais presente após a promulgação da constituição de 1988. Nela, estavam presentes os direitos e os deveres da sociedade e das minorias presentes nesse ambiente. A Constituição promoveu um grande debate sobre os direitos das minorias, e como atingir a igualdade. Assim, na compreensão das consideradas “minorias”, vinculam-se ideais de luta de direitos e a abertura para um diálogo social e que amplie o pensamento de sociedade igualitária.

Deste modo, pensar cultura e entender o processo da diversidade cultural permite compreender a importância da implantação da Constituição Federal e suas implicações sociais. As políticas públicas, criadas em nível nacional, estadual e municipal devem priorizar estas igualdades, reconhecendo deste modo os direitos de livre expressão cultural da sociedade. Promover o desenvolvimento cultural de uma sociedade auxilia no seu desenvolvimento global e econômico. Essa promoção cultural exige que a sociedade observe e enfrente as dificuldades presentes nessa situação.

Assim, pensar as relações humanas e o desenvolvimento da diversidade cultural em território nacional desperta o interesse em analisar melhor os direitos e os deveres dos grupos étnicos e raciais, os patrimônios históricos e culturais, a influência da educação e da televisão na promulgação da cultura, e as relações globais que a cultura abrange. No aspecto internacional, a preocupação e o reconhecimento da diversidade cultural tem sido objeto de

análise e pesquisa de organismos como a UNESCO, desde 1995. Neste período, o Brasil passava pelo seu momento de transição entre a ditadura e a democracia. Ações como a implantação do Plano Real visavam diminuir as diferenças sociais entre os brasileiros, contendo a inflação que assolava os brasileiros. A Declaração dos Direitos Humanos tornou-se um pilar para a democracia brasileira e para os trabalhos desenvolvidos a partir de 1995, pela UNESCO.

A preocupação descrita acima em relação aos direitos étnicos e raciais deve-se aos comportamentos discriminatórios presentes contra os descendentes de índios e negros. Diversos povos e grupos sociais lutaram contra esta discriminação racial, como a discriminação no período da escravidão. Neste momento da história, a população negra oriunda da África era denotada como uma raça inferior. Assim,

A desumanização do negro não foi um acaso, e sim uma consequência perversa das questões econômicas, políticas e culturais em jogo naquele momento e que de certo modo permanecem até nossos dias, visto que o negro, via de regra, continua a ser marginalizado econômica e socialmente, além ainda de estar sob uma sujeição cultural em nossa sociedade, e mesmo dentro de uma aparente (e politicamente correta) democracia racial. (SILVA, 2012, p.03).

Combates à discriminação racial remetem à metade do século XX com a implantação da chamada Lei Afonso Arinos, de 1951, que punia com a prisão atos que fossem vinculados à discriminação e ao preconceito racial. A Constituição Federal, na procura de se redimir dos erros cometidos no passado, promulgou, em um de seus artigos, o direito de propriedade aos descendentes da comunidade de *Quilombos*. Ainda no século XX, na Europa disseminou-se em muitos países a ideia de uma raça superior com base em critérios biológicos de definição de raça. Desta forma,

na concepção daquele que se tornaria um dos maiores ditadores e representantes da extrema direita, a raça ariana é a única que alcança a civilização, simplesmente porque ela não se ‘misturou’ e assim prevaleceu sobre as raças que se misturaram. (PEREIRA, 2020, p.548 *apud* TEIXEIRA, 2007).

Utilizando-se deste argumento, predominou a distinção entre as raças puras e impuras, que “guiou” os pensamentos da extrema direita no período da II Grande Guerra. Todos aqueles que não se enquadravam no ideal da “pureza ariana” eram passíveis de serem exterminados (PEREIRA, 2020 *apud* TEIXEIRA, 2007). Deste modo, a intolerância racial pregada pelos nazistas perseguiu e executou o máximo de pessoas contrárias ao ideal de purificação ariana, incluindo judeus, ciganos e homossexuais. A presença do pensamento religioso na "separação" das raças, mesmo que de forma indireta, fez-se presente no período da Segunda Guerra Mundial.

Assim, refletir sobre diversidade e cultura exige pensar sobre os motivos e razões que estas se fazem presentes na sociedade, e historicamente como se disseminou a cultura entre os povos, por meio de suas raças e “credos”. O respeito à diversidade deve nortear uma nação, por meio de suas leis, pois a diversidade só existe quando se permite a experiência da coexistência, da convivência e da prática cotidiana. Assim, o discurso referente à diversidade e à cultura deve ter por base as relações humanas presentes e o respeito a essas relações, de modo a experimentar a diversidade cultural presente entre os povos. Somente deste modo se poderá entender a importância da Cultura no desenvolvimento de uma sociedade.

2.2 Diversidade e Ambiente Escolar

Pensar na escola é refletir sobre um ambiente de pluralidade de ideias e pessoas. É o local onde a diversidade de pensamentos e ideias deve prevalecer. Para isso, o respeito e a compreensão de que as pessoas são diferentes são essenciais. Na formação do professor, deve-se priorizar essa diversidade. Deve-se entender que o estudante possui concepções de mundo que devem ser respeitadas, sendo o professor apenas um mediador para orientá-lo nesses pensamentos e debatê-los com a turma. Todas as práticas em sala de aula devem estar voltadas à conscientização da diferença.

Por vezes, o professor não é preparado e orientado em como desenvolver as habilidades desse estudante de modo a desenvolver sua aprendizagem. Conforme defende Gonçalves (2017), o professor deve servir como uma “mola propulsora” no processo de inclusão dos estudantes. Assim, concebendo um projeto de escola ideal, a formação do estudante deve estar voltada a entender e participar do processo de inclusão da diversidade estudantil. Por parte do professor se faz necessário conduzir os caminhos para esse trabalho. Com isso, será possível perceber as diferenças na educação escolar.

Ao chegar à escola, cada estudante possui uma visão de mundo, concebida por meio das relações que possui com seus familiares. Compreendem e expõem os pensamentos que lhe são repassados por meio de seus pais e amigos. Muitos desses pensamentos disseminados tornam a escola um ambiente excludente às diferenças. Na escola, as situações de exclusão se tornam evidentes com estudantes com dificuldades, com os mesmos por vezes isolados em sala de aula, ou mesmo ocorrendo brincadeiras agressivas com esses estudantes. Com isso, torna-se mais importante e fundamental o papel do professor em trabalhar o processo de inclusão. E ao trabalhar este tema, englobar a diversidade em um aspecto geral e não somente na relação com o estudante com dificuldades.

Pensar num sistema educacional inclusivo, não significa estarmos nos referindo apenas à inclusão de estudantes com necessidades especiais, mas sim num conjunto de diferenças que habitam as instituições de ensino. (GONÇALVES, 2017, p.22530).

Deste modo, no processo de entender a inclusão e a diversidade, o professor deve compreender a complexidade e a necessidade de estudar e entender estas ideias. A escola deve oportunizar a aprendizagem a todos, sem distinção de religião, etnia, gênero, sexualidade ou raça. As legislações atualmente visam garantir este acesso à aprendizagem sem distinção. Procuram inserir o tema da diversidade e da inclusão de modo a incentivar os profissionais da educação na sua compreensão. Entretanto, há profissionais que, observando todas as dificuldades presentes no desenvolvimento desses temas, recusam-se a trabalhá-los em sala de aula. Não se sentem preparados ou motivados a gerarem essas discussões e debates. Atualmente, há documentos e materiais que podem auxiliar o professor a compreender a diversidade como um aspecto essencial a ser debatido e estudado no ambiente escolar. Neste processo formativo, o Plano Nacional em Direitos Humanos direcionado pelo Ministério da Educação visa orientar a formação do sujeito promovendo a defesa e a proteção dos direitos humanos.

Conhecendo a proposta do sistema educacional, pode-se entender a democratização das escolas. Concebida como um mecanismo de desenvolvimento social, a escola tornou-se um meio de desenvolvimento da economia de uma sociedade. Esse pensamento ocorre ainda atualmente, quando se debate a inclusão e a diversidade nas escolas.

Todos os que compõem o ambiente escolar possuem o direito e o dever de exporem suas ideias, não desrespeitando os Direitos Humanos. Neste aspecto, fica como papel fundamental do professor mediar essa troca de ideias e saberes. Assim, ao se analisar e pensar sobre a escola, deve-se perceber a importância dos desenvolvimentos sociais do estudante, vinculados ao papel do professor incentivador das ações sociais dos alunos. A escola não deve ser um ambiente apenas de “conteúdo e “lousa”. O papel do professor deve ser promover a interação entre os estudantes e o pensamento crítico destes. Assim, é importante questionar, durante a formação profissional, em qual momento o futuro professor irá estudar ou debater aspectos referentes aos Direitos Humanos. Situações como esta podem auxiliar na compreensão das diferenças em sala de aula por parte dos professores.

Na escola, é possível observar em algumas situações, estudantes considerados como “diferentes” sendo isolados na sala de aula e realizando atividades sozinhos. A questão fundamental que ocorre é como o professor pode mediar esses trabalhos com os estudantes que ficam isolados em sala de aula. São muitos os obstáculos a serem enfrentados pelo

professor em sala de aula, exigindo que ele saia da zona de conforto de apenas ensinar o conteúdo de sua disciplina. Estes obstáculos e situações exigem do professor disposição para inserir a diversidade na sala de aula de forma prática e não somente na teoria. O professor deve auxiliar e mediar o pensamento de seus estudantes de modo a entender a diversidade na sala de aula. A escola deve conscientizar o estudante em todo seu processo de formação a entender que todos devem ser respeitados. A escola, enquanto instituição democrática, deve orientar os estudantes para não seguirem o pensamento da superioridade, respeitando o próximo e entendendo principalmente os seus direitos e deveres enquanto estudantes.

2.3 Gênero e Ambiente Escolar

Questionar um estudante sobre o que é gênero ou sexualidade vai ser uma pergunta para que será difícil de se obter a resposta. Na compreensão de muitos estudantes essas ideias são “a mesma coisa”. São conceitos abstratos e por vezes pouco trabalhados em sala de aula. E qual o papel do professor nesse assunto? Como promover esses temas em sala de aula? Como desenvolver o conhecimento desses conceitos e entender a importância de se debatê-los em sala de aula nos tempos atuais? São questionamentos como estes que norteiam muitos pesquisadores vinculados à ideia de desenvolver no estudante um pensamento crítico em relação à sociedade que está inserido.

A escola deve ter em seu norte esta proposta de auxiliar no desenvolvimento social de cada estudante, respeitando sempre suas individualidades e os direitos humanos e sociais. Ao procurar compreender as diferenças entre os alunos, fica mais claro como desenvolver um trabalho que possa melhor atendê-los. No ambiente escolar fica clara a necessidade de se entender a ideia de Gênero e Sexualidade, e principalmente a amplitude e a importância de desenvolver esse tema em sala de aula. Abordar gênero em sala de aula exige do professor compreender as definições desse conceito e o estudo das concepções de Gênero e Sexualidade. E temas como esses, nos tempos atuais, são pouco desenvolvidos em sala de aula. Alguns professores sentem receio ou não possuem domínio desses conceitos para trabalhá-los com seus estudantes, mas a história demonstra a importância de se conhecer tais temas. Historicamente, a homossexualidade era tratada como uma doença e uma anormalidade. Segundo Solaro (2015, p.5) citando Louro (2000), a “heterossexualidade é considerada universal e normal, e supõe-se que todas as pessoas tenham, como objeto de desejo, alguém do sexo oposto.” Deste modo, as pessoas que fogem desta “normalidade”, são consideradas peculiares e não são aceitas na sociedade.

A escola deve fundamentar-se na aceitação do outro. Não pode ser um ambiente de rejeição, no qual o estudante possa ser considerado anormal. Devido a todas as diferenças culturais neste ambiente, estudantes heterossexuais e homossexuais devem ser tratados de forma igualitária. Infelizmente, fora da escola, essa aceitação passa por dificuldades. A dificuldade em aceitar o outro ocorre devido à concepção de identidade sexual, segundo a qual o diferente é considerado uma "aberração social". Isso provoca a não aceitação do homossexual na sociedade. A homossexualidade, considerada como uma doença, provoca o pensamento de que sendo uma doença, pode ter uma cura. Assim, segundo a concepção de pessoas que acreditam ser uma doença, o homossexual pode ser curado e tornar-se heterossexual, possibilitando assim a formação de uma família, que nessa concepção só pode ser formada a partir da união de um homem e uma mulher.

No início de sua vida escolar, a criança observa como atingir seus objetivos, inspirando-se nas pessoas que a cercam, sendo seus responsáveis e a escola. A escola orienta como, neste período, podem se desenvolver as primeiras relações sociais, identificando-se assim com seus semelhantes e seus grupos. O ambiente escolar torna essas relações mais fortes. É fundamental a presença destas relações na escola, pois, como expõe Cerqueira-Neto (2014), a adolescência foi “percebida como uma fase difícil do desenvolvimento carregada de conflitos ‘naturais’”. Medos e temores incomodam a mente do “jovem”, pois ele se sente sozinho, ao ultrapassar a fase em que era considerado criança. O adulto, por vezes, considera-o incapaz de assumir determinadas responsabilidades. É negada a autonomia de agir e de pensar, orientando os mais jovens na forma como devem se portar nos lugares em que estão inseridos. Deste modo, retornamos à ideia da homossexualidade ser considerada uma doença e uma anormalidade.

A homossexualidade transgride a realidade e a “normalidade”. A fase da adolescência é considerada a fase da descoberta e dos desejos. Desejos estes por vezes reprimidos pelos adultos. Na ordem pré-concebida, a homossexualidade é uma doença que necessita ser tratada e cuidada. Deste modo, pode-se reiterar que na proposta de analisar o papel da escola no aspecto da homossexualidade é fundamental a quebra de paradigmas referentes à doença e exclusão. A realização de conversas e a utilização de materiais de apoio que norteiam esse diálogo podem auxiliar o professor a conscientizar os estudantes sobre a diversidade de gênero e sexualidade, e principalmente sobre o respeito à diversidade, sendo este um fator fundamental para um desenvolvimento social dos adolescentes e dos adultos. O respeito deve ser um norteador para esta relação entre o professor (adulto) e o estudante (adolescente).

2.4 Evasão escolar

Entender a evasão escolar em uma unidade escolar exige do professor procurar compreender as razões pelas quais o estudante abandona os estudos. Influência dos colegas que não desejam estudar, desgaste, falta de motivação, podem ser alguns dos fatores internos ligados ao abandono escolar. Fatores como bullying e preconceito podem influenciar nesta falta de perspectiva do estudante de estar em sala de aula. Somado a estes fatores, pode-se acrescentar o tempo que o estudante permanece na escola, por vezes, sendo obrigado a “ficar quieto” e “sentado no seu lugar”. Ao procurar entender as razões que levam o estudante ao abandono escolar, deve-se compreender que é papel fundamental da escola e do professor impedir o abandono estudantil.

Na procura de entender a evasão escolar, torna-se fundamental refletir sobre o papel da família no desenvolvimento da aprendizagem do estudante. A família, como já mencionado acima, influencia no desenvolvimento da aprendizagem e na formação da criança e do adolescente, e por vezes, o motiva ou desmotiva a permanecer nos estudos. Nos tempos atuais, percebe-se que muitas famílias possuem jovens na faixa dos 17 anos trabalhando e estudando. Assim, ao dividir seu tempo entre estudo e trabalho, o jovem começa a sentir o desgaste físico e psicológico, desmotivando-se a estudar por não perceber uma razão para permanecer na escola.

Infelizmente, ao se analisar sobre o papel da família no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, observa-se que uma parcela das famílias vem delegando à escola a função de educar os filhos. Isto se deve à necessidade de muitos responsáveis precisarem trabalhar para o sustento da família, não conseguindo dedicar atenção a seus filhos para auxiliá-los nas tarefas escolares.

Percebe-se que conforme a família designa à escola um papel que lhe cabe, sobrecarrega as unidades escolares com funções que não lhe são obrigatórias. A partir disso, passa-se a observar um distanciamento da escola e da família. Assim, a escola assume o papel de relacionar e procurar estender à família o papel de auxiliar na aprendizagem dos estudantes, por mais complexa que possa ser essa relação. Interessante observar que estreitando-se as relações entre a família e a escola, pode-se perceber um empenho maior do estudante na aprendizagem. Todo aluno tem direito à educação e à aprendizagem, e a família deve auxiliar neste processo.

Procurando compreender estas relações com a família e a escola, pode-se procurar entender se há relações entre a diversidade de gênero e a evasão escolar. Isto ocorre devido às

relações presentes entre este tema e a família. Compreender a diversidade de gênero e relacioná-la à família permite compreender as dificuldades enfrentadas pela família no momento que o jovem se assume, ou seja, compreende sua identidade de gênero e sua identidade sexual. Muitos são os desafios enfrentados no momento em que o jovem compreende sua orientação sexual e decide conversar com sua família sobre isso. No momento em que a família o aceita ou o rejeita, isso começa a influenciar no desenvolvimento pessoal do jovem, ocasionando em uma influência no desenvolvimento de sua aprendizagem na escola. O processo de autoaceitação é algo complexo na mente de um jovem, e quando a família começa a julgá-lo por suas decisões, isto influencia em suas escolhas e no seu desenvolvimento pessoal.

Enfim, procurando entender e relacionar a identidade e a diversidade de gênero com o ambiente escolar, é interessante observar a importância da escola como um ambiente de socialização dos estudantes. Nesse espaço, os jovens começam a se aproximar dos seus semelhantes, compreendendo e compartilhando ideias e pensamentos. A não aceitação da diversidade e a convivência do professor nessa não aceitação é um dos fatores que influencia e por vezes prejudica o desenvolvimento estudantil dos jovens. Em muitos momentos, a violência na escola não ocorre de forma física. A imposição do pensamento e a discriminação de ideias é uma forma de violência que pode afastar estudantes da escola e prejudicá-los em suas atividades. A prática de forçar as pessoas a seguirem ideias e pensamentos na escola pode ocasionar em estudantes que se identificam como homossexuais, transexuais, afastarem-se do ambiente escolar e se distanciarem da escola. É notório como nas escolas é frequente a presença de estudantes que se identificam como trans, e no mesmo momento que isto ocorre, por vezes estes se afastam da escola. Assim, pode-se entender que a escola deve ser um ambiente de inclusão da identidade de gênero, e pensamentos preconceituosos ou dominantes devem ser combatidos para que não sejam o motivo da evasão e do afastamento de muitos estudantes do ambiente escolar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de etapas pré-estabelecidas. A primeira etapa no desenvolvimento deste projeto foi a revisão bibliográfica referente ao tema estudado, procurando propor relações presentes entre as ideias da Diversidade de Gênero e da Evasão escolar, estudando os conceitos abordados e suas ideias. O público-alvo deste trabalho foram professores da rede estadual, distribuídos pela Diretoria de Ensino de Capivari e Piracicaba. O

estudo procurou analisar as razões presentes na desistência de muitos estudantes de permanecer no ambiente escolar e compreender se há relações entre este conceito e a diversidade de gênero. A geração dos dados foi obtida a partir da coleta dos resultados obtidos nas respostas de 29 professores. O envio das perguntas ocorreu por meio de grupos do Whatsapp, sendo respondidas as perguntas de forma virtual. A pesquisa exploratória permitiu projetar e analisar as razões da evasão escolar. Na terceira etapa, foram analisados os resultados obtidos neste questionário, de modo a responder a questão proposta.

3.1 Objetivo Geral

Propor ao leitor deste artigo uma reflexão sobre o tema da Diversidade de Gênero e sobre como este tema é abordado em sala de aula e como a equipe escolar o entende. Com o estudo do tema, o trabalho visa auxiliar na conscientização da diversidade de gênero no ambiente escolar e de como essa realidade, conforme trabalhada em sala de aula, pode estar relacionada à evasão escolar.

3.2 Objetivos Específicos

Visando atingir aos objetivos gerais de compreender o tema proposto, pode-se delimitar como objetivos específicos uma análise da compreensão do tema de diversidade de gênero por parte de professores e equipe escolar; estudar e analisar os resultados obtidos por meio de um questionário propondo entender as relações presentes entre a diversidade de gênero e a evasão escolar; propor atividades visando desenvolver na equipe escolar uma atenção mais detalhada a este tema; identificar os recursos utilizados pela escola para análise da evasão escolar e dos motivos que ocorrem para a desistência dos estudantes e analisar os saberes dos professores e da equipe escolar acerca do tema proposto.

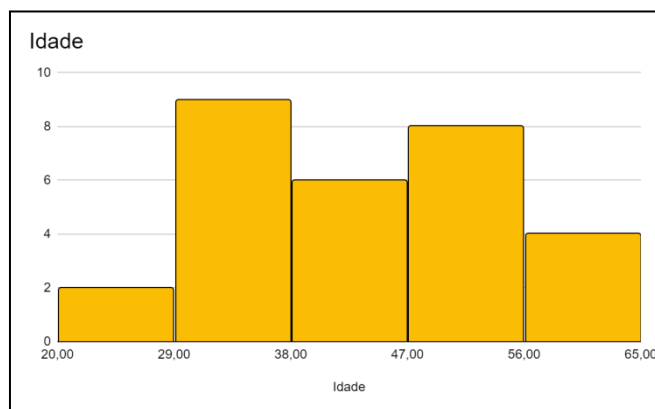
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na proposta inicial deste projeto, procurou-se entender as possíveis relações entre a evasão escolar e a Diversidade de Gênero, e as concepções dos professores acerca deste tema. Por meio do referencial teórico, observou-se que, no decorrer da história humana, muito se questionou sobre a homossexualidade e algumas vezes a concepção deste tema não era ampla. No ambiente escolar, observou-se uma dificuldade de debater conceitos envolvendo as ideias de Gênero e Sexualidade com os estudantes. Esta falta de debate em

sala de aula, acerca deste tema, ocasionou em concepções erradas sobre o mesmo, gerando assim o pré-conceito existente. Na coleta de resultados, verificou-se a forma como se desenvolve este tema em sala de aula, e como os professores compreendem que este pode ser desenvolvido.

Inicialmente, deve-se refletir sobre a faixa etária dos professores entrevistados.

Gráfico 1 - Idade dos professores Entrevistados



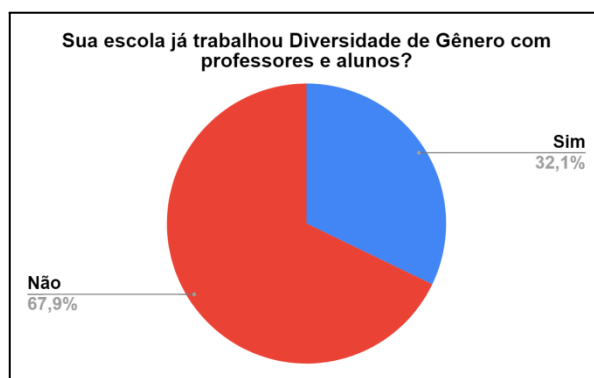
Nota-se uma variedade das idades dos professores entrevistados, sendo a maior quantidade de professores com a faixa etária entre 29 e 38 anos, ou seja, professores mais jovens, com um tempo menor de trabalho nas unidades escolares. Próximo a esta quantidade de professores, nota-se também a faixa dos professores com idades entre 47 e 56 anos, ou seja, professores que exercem a profissão há mais tempo. Este contraste torna interessante a pesquisa, pois, apesar desta variação da idade, a maior parte dos professores leciona em escolas públicas, convivendo assim com uma realidade de escolas com poucas estruturas para um trabalho diversificado com os estudantes.

Outro aspecto interessante a se observar nos resultados obtidos é a sexualidade dos professores que foram entrevistados. Dos 29 professores entrevistados, apenas uma professora identificou sua sexualidade como bissexual. Isto pode indicar a complexidade de professores transexuais, assexuais e homossexuais se assumirem ou mesmo declararem sua sexualidade, exercendo a carreira docente.

Na concepção de 62,1% dos professores entrevistados, é possível desenvolver trabalhos abordando a ideia de Diversidade de Gênero nas unidades escolares. Com isso, entendendo que na concepção dos professores é possível desenvolver um trabalho abrangendo as ideias de Gênero e Sexualidade, o questionamento que fica é: as escolas desenvolvem este trabalho? Entende-se que a resposta mais esperada para este

questionamento seja que as escolas já desenvolvem amplamente um trabalho com este tema. Todavia, o que se observou na coleta dos dados foi o contrário. Na resposta obtida sobre se a escola já desenvolveu um trabalho sobre o tema Diversidade de Gênero com professores e alunos, observou-se o resultado apresentado no gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Escolas que já desenvolveram o tema Diversidade de Gênero



Apesar de observar a importância deste tema por parte dos professores, uma parcela alta das escolas não desenvolve atividades de conscientização sobre esse tema. Mesmo sendo amplamente divulgada a sua importância, o tema fica subjugado a um conceito de alguma disciplina da área de humanas, por vezes, apenas desenvolvido como um conceito histórico da luta da classe LGBT. A formação social do estudante, que poderia ser complementada com as ideias de Gênero e Sexualidade e com atividades envolvendo a comunidade escolar, fica restringida a tarefas da sala de aula.

O questionário apresenta também, em relação ao tema da Diversidade de Gênero, como este pode ser desenvolvido em sala de aula. A interdisciplinaridade, segundo 23 professores (79,3%), pode ser uma ferramenta para a aplicação de atividades abordando os conceitos de Gênero e Sexualidade, assumindo assim o papel que se espera da escola juntamente com a comunidade escolar.

Projetando a realidade das escolas e a relação entre a escola e a comunidade escolar, perguntou-se aos professores quais, na concepção deles, eram as principais razões para a evasão escolar. Notou-se que uma parcela significativa (55,2%) dos professores entendem que uma das principais causas da evasão escolar é a falta de incentivo familiar. Deste modo, observa-se a importância da família para o desenvolvimento da criança e do adolescente e para o desenvolvimento no ambiente escolar. Identificada a importância da família para a diminuição da evasão escolar, pode-se retornar ao questionamento proposto neste artigo: quais as possíveis relações entre a evasão escolar e a diversidade de gênero? Com o estudo

deste tema, tornou-se necessária a compreensão das razões que levam o estudante a sair da escola. Conforme questionado aos professores entrevistados, observou-se que uma parcela destes acredita que o preconceito contra a diversidade de gênero é uma das razões para a evasão escolar conforme apresentado no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Relação entre preconceito e Evasão Escolar



Encerrando o questionário, perguntou-se quais os principais meios que as unidades escolares procuram para analisar a evasão escolar. Observou-se que uma parcela expressiva das escolas utiliza-se do diálogo com as famílias para diminuir a evasão escolar. Assim, observa-se que, prioritariamente, o diálogo com a família ainda consta como a forma mais utilizada para analisar e evitar a evasão dos estudantes das unidades escolares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a importância do desenvolvimento social dos estudantes nas escolas é essencial para um bom desenvolvimento das unidades escolares. Muitos são os motivos externos que podem acarretar na desistência de estudar e na perda do ano letivo por parte dos estudantes. O professor que compreende estes motivos e os analisa percebe que a escola, nos tempos atuais, possui não somente um caráter de desenvolvimento de conteúdo, mas sim de desenvolvimento social dos jovens. O ensino mecanizado não proporciona a aprendizagem, assim, por diversas vezes, a aprendizagem do estudante ocorre fora da escola. A metodologia focada apenas no conteúdo e não nas relações pessoais interfere na formação pessoal de cada aluno. Por vezes, os diálogos em sala de aula podem ajudar o aluno a se conhecer melhor e respeitar a diversidade. Nesse aspecto, torna-se fundamental o conhecimento do professor acerca da realidade de cada estudante. Compreender o que se passa em sua mente, seus medos e pensamentos, auxilia o professor na compreensão de que cada um é individual. Nos tempos atuais, esta individualidade e o respeito à diversidade tornou-se essencial para se

formar uma sociedade justa e igualitária. Cabe à escola e aos professores disseminarem este papel de incentivador da diversidade e do respeito à igualdade, seja ela no aspecto religioso, civil ou referente a gênero e sexualidade.

Agradecimentos

O agradecimento se direciona a todos que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, em especial à Professora Ana Carla Dantas Midões, que me orientou e revisou este artigo, e aos professores que contribuíram na coleta das informações.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. J. P. de et al.. **O percurso histórico do racismo**. Anais V ENID & III ENFOPROF/UEPB. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11766>>. Acesso em: 26 de jun. 2022 16:12.

BARRETO, Máira de P. **Universalidade dos Direitos Humanos e da Personalidade versus Relativismo Cultural**. In: XV Congresso Nacional do CONPEDI - Direito, Sociobiodiversidade e soberania na Amazônia, 2006, Manaus. Anais do XV Congresso Nacional do CONPEDI. Florianópolis: Fundação Boiteaux, 2006. p. 1-21. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/8879/6219>>. Acesso em: 20 de fev. de 2022.

CAMPOS, Luiz Augusto. **RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES: Uma abordagem realista-crítica**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ONLINE), v. 32, p. 1-19, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/8YsCLH9MsCZ3dPWC47JLmFd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de fev. de 2022.

CERQUEIRA-SANTOS, ELDER ; MELO NETO, O. C. . **Adolescentes e Adolescências**. In: Habigzang; Shirò & Koller. (Org.). *Trabalhando com Adolescentes*. 1ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, 325p.

CILIATO, F.L.G ; SARTORI, J. **Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural**. Revista Monografias Ambientais , v. 14, p. 65-78, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/20639/pdf>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

COSTA, R. S. M. . **Homossexualidade: um conceito preso ao tempo**. Bagoas: Revista de Estudos Gays , v. 1, p. 121-144, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2255/1688>>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

GODOY, E. V. ; SANTOS, V. M. **Um olhar sobre a cultura**. Educação em Revista (UFMG. Impresso)????, v. 30, p. 15-41, 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/edur/a/g9PftWn8KMYfNPBs7TLfC8D/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

GONÇALVES, A. **Diversidade e inclusão na educação**. In: XIII Congresso Nacional de Educação. EDUCERE, 2017, Curitiba - PR. Anais - XIII Congresso Nacional de Educação. EDUCERE, 2017. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27018_13498.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

KRÜGER, H. . **Cognição, estereótipos e preconceitos sociais**. In: Marcos Emanuel Pereira; Marcus Eugênio Oliveira Lima. (Org.). Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas. 1ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2004, p. 23-40. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32112/1/Estere%C3%B3tipos%2C%20preconceitos%20e%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf>>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.7-34. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

PAULA CARVALHO, J. C. de. **Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas**. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu, v. 1, n.1, p. 181-185, 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/K5bV8WP4bQm7sYrNHYQMW5r/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

PEREIRA, C. M.; CRUZ, B. R. ; MELLO, N. F. ; SILVA, T.R ; LIMA, P. P. . **As Transformações Geopolíticas e o Pensamento Nazista na Segunda Guerra Mundial: As Perseguições aos Ciganos (1939-1945)**. TEMPORALIDADES, v. 12, p. 540-558, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/download/21746/23090/86690>>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

RODRIGUES, G. ; PEREIRA, L. M. P. **A Diversidade Cultural dos Povos Indígenas do Brasil**. In: X Encontro Internacional de Produção Científica - EPCC, 2017, Maringá. Anais do X Encontro Internacional de Produção Científica - EPCC, 2017. Disponível em: <<https://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/1637>>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

SILVA, S. R da. **Quilombos no Brasil: A memória como forma de reinvenção da Identidade e Territorialidade negra**. In: XII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 2012, Bogotá. Anais [...] Bogotá [s.n], 2012. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>>. Acesso em: 05 de dez. de 2021.

TEIXEIRA, I. M; SILVA, E. P. **História da Eugenia e ensino de genética. História da Ciência e Ensino**, v. 15, 2017, p. 63-80. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317051778_Historia_da_eugenia_e_ensino_de_genetica?enrichId=rgreqc184676dcbba1500c8731b3ecfce7df5X&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMxNzA1MTc3ODtBUzo2Mzg4NTc4OTY3OTYxNjNA MTUyOTMyNzAwMdc5Mg%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf>. Acesso em: 28 de jun. de 2022.